

A Consciência na Terceira Idade

Celson Diniz Pereira^{1,2}

Resumo

Relato e análise, nas perspectivas de primeira e terceira pessoa, o processo consciente na chamada “Terceira Idade”, que começa aos 60 anos. A fundamentação científica adotada é a Teoria da Seleção dos Grupos Neurais, de Gerald Edelman, que é combinada com o testemunho de vivências pessoais. Pode-se propor, se já não foi, o conceito de *espaço mental da terceira idade*, caracterizado por um longo período de aprendizagem prévia e acúmulo de experiências, combinado com uma redução da expectativa de vida, implicando em um aumento de densidade das alternativas de ação possíveis a serem realizadas em um período reduzido em relação às fases de vida anteriores, o que, por sua vez, resulta em uma *compressão existencial* no processo de tomada de decisões.

Palavras-Chave: consciência; terceira idade; espaço mental; aprendizagem; seleção neuronal.

1. Introdução

A Terceira Idade é uma fase da vida na qual a realidade obriga os indivíduos a pensarem em desagradáveis finitudes. Não é nosso objetivo maior, aqui, tratar da morte. Mas, modestamente, procuramos um entendimento do que sua consciência implica na vivência própria concernente à Terceira Idade. A partir do que, e como, se obtêm recursos, permitindo-se minimizar os desconfortos inerentes a esta situação de vida? Quais os impactos na consciência do reconhecimento de uma extrema fragilidade, que se anuncia, e do desfecho que se seguirá?

Ora, tal desconforto, frequente, que se anuncia, para tantos, dura anos. Mas, por seus poderes, o cérebro/mente da pessoa que está na terceira idade pode, chegado o momento, fazer

¹ Professor aposentado do Departamento de Física da UFMG; Graduado em Química e em Física pela Faculdade de Filosofia da UFMG; “Doutorado de Terceiro Ciclo” na Universidade de Grenoble – França; atuou como Físico Assistente na Escola Politécnica da Universidade de Lausanne – Suíça (1969/70), como Assistente Estrangeiro na Universidade de Grenoble-França (1970-1973); como Físico Estagiário no Instituto de Física da Universidade de Sherbrook – Canadá (1982) e como convidado Grupo de Auto Organização do Centro de Lógica e Epistemologia (CLE), UNICAMP, 1990. E-mail: celsonpereira@yahoo.com.br

² Agradecimento: expresso meus mais sinceros agradecimentos ao Professor Alfredo Pereira Junior, por sua colaboração concernente à minha iniciativa de assumir este trabalho. Com efeito, após produtiva troca de ideias por telefone, fui surpreendido por sua mensagem, expressando uma gentil, amigável convocação, na realidade, um incentivo, sem o qual este trabalho não teria sido escrito.

da morte um único evento tranquilo, por meio de apoio em um sistema de crenças: ‘Por outro, no mesmo cenário neuronal, bem fundadas, sendo atribuídas, cientificamente, ao cérebro condições para abrigar um lugar, para se conceber, para Deus (Matthew Alper, 2006)’. Descobrir como evitar aquele desconforto, para, daí, contar-se com uma vida saudável e produtiva, é muito importante.

Conseguir este objetivo depende de como os indivíduos entendem o que se passa nestes estágios de idade avançada, tendo em vista seus antecedentes. Em decorrência de enganos, a estes relacionados, pode ocorrer que muitos adoeçam e morram antes do tempo possível. Por exemplo, um desconforto decorrente de saudável exercício de recuperação de um problema do corpo, sob comando do Sistema Nervoso Central (SNC), se confundindo com enfermidade, pode ter consequências desastrosas.

Em âmbito conceitual mais amplo, é um grave equívoco reduzir o avançar da idade, exclusivamente, ao enfraquecimento biológico, do sistema muscular, ignorando as peculiaridades do Sistema Nervoso Central (SNC), detentor de comandos sobre o corpo. É adequado se ter em vista, como Stephen Hawking, durante décadas, teve uma vida, cientificamente, muito produtiva, baseada neste sistema. Quer dizer, os efeitos da decadência muscular podem ser muito inferiores, ao incremento funcional do SNC.

Neste contexto, é muito importante se ter sob atenção as características da consciência responsáveis pela qualidade de vida. Entre aquelas, em destaque, a intensidade da experiência que, em estágio de recolhimento a seu interior, será mais importante, para o indivíduo, do que a duração de vida, sendo que, neste ele prossegue em condições de produzir estruturas conceituais e filosóficas importantes para outros.

Assim, este trabalho é focado nas origens e desenvolvimento do SNC, de antes do nascimento aos estágios avançados de vida. Nestes contextos, são consideradas as interações entre o corpo do indivíduo e entidades de seu exterior. Estas interações, constituindo-se em pilares vitais do indivíduo, levam a um colossal enriquecimento de recursos operacionais, implicando em um amplo acervo, com o qual passará a contar para as vivências posteriores. Além do mais, seu cérebro conta com recursos incrementados, para situações de dificuldades, chegando a ser denominados “superpoderes”.

Desta forma, vê-se que, ao contrário do pessimismo tão frequente, o indivíduo pode se descobrir muito além do que chegou a almejar, mas, ao mesmo tempo, em função de como viveu, pode contar com dificuldades pesadas para, daquele acervo e de poderes de seu cérebro,

fazer uso. Como encontrar soluções, para os problemas que surgem nesta condição pode não ser nada banal, como atesta o importante psicanalista Erik Erikson (Erik Erikson, 1950)

Enfim, estamos propondo que quanto mais o indivíduo se encontra consciente das implicações de sua realidade, maiores são as possibilidades de encontrar soluções para seus problemas e a resultante sensação de paz e conforto defronte à finitude, mesmo que seu tempo de vida restante seja encurtado.

2. Sobre a Natureza do Ser Humano

Depois de atingidos profundos conhecimentos sobre o muito pequeno, e seus antecedentes o muito grande - o cosmos - e ter se iniciado no muito complexo, o maior desafio de um cientista reside no interior de sua cabeça. Ora, o cérebro humano tem sido considerado pela ciência o sistema de maior complexidade com os quais se tem ocupado. Este é um bom desafio para “A Consciência na Terceira Idade”. Fundamentos científicos não se elaboram a partir de universais intuitivos, que não tenham se originado de convívios com elementos de realidade, para se constituírem em informações. Mesmo que não tenham se originado dos domínios da ciência, há antigos elementos que com esta encontra correspondência, sob ligeiro exercício de imaginação. Mencionado exercício de imaginação, pode tornar mais aceitável, entre eventuais leitores mais tradicionais, o que é proposto neste texto.

Por evocação de experiência de consciência, pode-se propor **que** certa quantidade de terra, barro, é convertido em pó. Depois, o pó é refinado a 10^N átomos, suficientes para se constituir **em** um corpo humano, C, por suas estruturas e dinâmicas, das quais emergem suas funções próprias, “Estruturas Dinâmicas e Funções” (EDF). Por exemplo: andar, pensar etc.

Para bom acordo com os mencionados mais tradicionais, é aqui proposto mencionar a Bíblia, constatando-se que Deus fez diferente: primeiro Ele fez a energia, a luz, os fótons, e depois os átomos; tomada uma porção de barro, deste, fez o Homem, por seu corpo, C, dotado de suas EDF, todas, em especial a consciência... obedecendo a condição: o sentido se manifesta no corpo antes do intelecto (*Nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu*) (São Tomás de Aquino); ou ainda pode-se, então, dizer, que, Deus fez o Homem do pó: “Memento homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris” (Livro do Gênesis, Antigo testamento, 3:19).

2.1. Humanos – Ciência

Humanos não têm aquela competência de Deus, mas podem se arranjar muito bem com a imaginação de átomos já constituídos, a partir dos quais se podem construir organismos,

dotados de corpos (C). Estes portam, cada qual, químicas/estruturas próprias e histórias únicas que se identificam como Indivíduos (I), em cujos sítios corpóreos, por suas dinâmicas próprias, entre outros, constituem-se suportes de experiências qualitativas subjetivas (*Qualia*) primordiais da Consciência (Edelman e Tononi, 2000).

Quanto ao C, é fundamental, ter-se em vista que nele se caracterizarem duas instâncias físicas distintas:

- a) O inercial persistente: moléculas, constituindo as estruturas necessárias para, entre outros, constituírem memórias de longa duração, durando por décadas;
- b) As dinâmicas, fluxos de energia, implicando em transformações, emergências, são indutoras de funções, entre as quais, as denominadas mais nobres, com destaque para a consciência ('Consciência é processo, não uma coisa (stuff)': G. Edelman referindo-se à citação de Whitehead (Edelman, 1989).

2.2. Identificando o Ser Humano no Âmbito Corpóreo

Neste trabalho usarei as seguintes abreviações e proposições preliminares:

- a) EDF: Estruturas Dinâmicas e Funções, que constituem um fundamento, sem o qual sistemas não podem ser, satisfatoriamente, caracterizados ou compreendidos.
- b) INAEHESC: Interações Neuro Ambiente Econômico Histórico Evolutivo Sócio Culturais...
- c) I: Indivíduo ao nascer
- d) I*: Indivíduo, tendo alteradas suas EDF pelas INAEHESC
- e) 3^A: Terceira idade
- f) I*: 3^A Indivíduo na 3^A
- g) C I* 3^A: Consciência na 3^A
- h) (SNC)I*: SNC do I*. (O Sistema Nervoso Central alterado pelas INAEHESC).
- i) FENOMÊNICOS NEURONAIIS: Fenômenos dos, entre, grupos de neurônios e seus aglomerados, cada qual, responsável pelos antecedentes FQB, de cada uma das funções do (SNC)I*, das básicas operacionais, àquelas, denomináveis por mais nobres:

j) CORPO E FUNÇÕES DO (SNC)I*: Percepção, categorização, memória, conceituação pré-linguística / pré-consciente, linguagem, consciência, mente, pensamento, sonhos, imaginário... (Edelman e Tononi, 2000).

Estas funções básicas, segundo se pode entender, podem ser tomadas como implicadas na caracterização da natureza do ser humano, por exemplo, para concepção de altruísmo, solidariedade etc.

k) CONSCIÊNCIA: Intensidade, nitidez, clareza, fidedignidade, abrangência de alcance, confiabilidade, ..., no que concerne ao I*, sobre informações referentes a aspectos da realidade.

l) MENTE: Resulta da composição do que se experimenta com a consciência, pensamento, imaginário... para se constituírem pontos de vista, crenças convicções para tomadas de decisão. Daí a ideia de mentalidade, a ser observada no relacionamento entre humanos (Edelman e Tononi, 2000).

Deve-se antecipar a questão: O que se passa com estas funções na 3^A?

m) C: Corpo (do caminhar dos pés ao pensar da cabeça)

n) (ETS)I*: “Espaço Tempo Subjetivo do Indivíduo”(ETS)I o espaço emergente das funções oriundas dos fenomênicos neuronais. (Pereira, 2010). (Nesta mesma ref. ver, também Henry Markram)

Para interações com os constituintes da realidade, o I* tem que trabalhar com registros, oriundos de seus exercícios de percepção, referentes ao alcançável do universo, levados à memória, sendo aqueles, influenciados pelo subjetivo do I*. Mas, exclusivamente, esta conjugação do percebido/observado do exterior ao corpo, alterado pelo subjetivo, sem outras suposições, inclusive filosóficas, relativas ao “Mundo Interior” ou aos “Modelos Mentais”.

A mente se refere a instâncias do indivíduo. De sua associação com tudo que o I* observa do universo, tem-se o proposto, (ETS)I*: Um espaço com abrangência extrema, alcançando o tudo do I*. Esta entidade se altera com o tempo. Uma correção, diminuindo deformações induzidas pelo subjetivo, deve ser esperada do indivíduo na 3^A.

O que se passa com o I 3^A, se este espaço é perturbado?* Pode-se entender que aquela abrangência extrema, sem dúvida, deve derivar do muito elevado número de “circuitos neurais”, também, em acordo com Edelman e Tononi (Edelman e Tononi, 2000). O muito elevado número de “circuitos neurais”, justificando mencionada abrangência extrema, deriva do próprio funcionamento do (SNC)I.

o) C1- (SNC)I*: Estruturas, aqui, em foco por suas dinâmicas, fluxos energéticos, fenomênicos neuronais, indutores das funções, em especial as denominadas mais nobres, de onde emerge o (ETS)I*, entre outros, sítio de um Sub Espaço Representação (SER, vide abaixo).

2.3. Um Sub-Espaço de Representação (SER)

Natural questionar-se por relações com antecessores teóricos “Mundo Interior” e “Modelos Mentais”. Mas, SER não se baseia na hipótese de suficiência de “Modelos...” e “Interiores...” apresentarem condições de produzir, por eles próprios, representações para o exterior. SER não tem relações com filosofia, apenas registros perceptuais, e naturais superposições subjetivas.

A circunstância, “o exterior” e as diferenças entre os existenciais, internos e externos de C, constituem um desafio para o sucesso das mencionadas interações das quais depende I*, para se haver adequadamente com seu C, para sobreviver, conviver com “o outro”, obter sustento, do exterior, dele evitar destrutivo etc. Para tal, pode-se observar limitações dos animais que não possuem um SER.

Desta forma, com relação a mencionados existenciais, I* tem como estabelecer mapeamentos, valendo-se de símbolos funcionais, implicando coerências entre interior e exterior, segundo suas conveniências. Sem tais mapeamentos, o I* não teria como se haver com sub espaços, em seu exterior, da realidade. Representações, aqui, se referem aos existenciais, viabilizando mencionados mapeamentos.

Explicitando: Consciência, pensamento, imaginação, linguagem... se encontram entre os constitutivos funcionais de mencionada coerência... E tudo se baseia nas “categorizações perceptuais” (Edelman, 1987), bem estabelecidas, bem utilizadas, enfim, antecedentes do SER (por exemplo, se um indivíduo, por não ter bem efetuadas categorizações perceptuais, confunde jacaré com lagarto, poderá ter problemas adaptativos).

SER, como função deve permitir que o I* elabore avaliações preliminares, valendo-se, inclusive, do imaginário, antes de tomar decisões em suas interações com o exterior ao C. Este exercício faz parte, também, das rotinas científica, artística ...

SER é, então importante constituinte da competência do I* 3^A.

3. Do Nascimento Rumo à Terceira Idade

Visando compreender o i^* (edf), em função do vivido, pergunta-se: como, na 3^a, a partir de suas origens, i^* vem a ser o que é?

3.1. No interior de seu corpo, o qual se encontra no interior do corpo da mãe

De início, antes do nascimento, praticamente, I^* só tinha a ver com seu próprio corpo, orientado por reflexos, sem o incômodo das obrigações de autonomia, sem necessidade de desconfortável apoio de sustentação em algo estranho, sem experiência de exterior, já que o exterior a seu corpo, é o interior do corpo da mãe.

Não obstante ser levado a sentir tensões da mãe, o interior, desta, é um máximo amigável/acolhedor, que o deixa livre de desconfortos/incômodos. Por outro lado, o desconforto implicado por tensões da mãe, no geral, é compensado, ao além, por sentimentos de extremo amor, de mãe. Com efeito, “fragilidade feminina”, não é fragilidade, é ternura, delicadeza destinada a garantir segurança no trato da extrema fragilidade, entre outros da pele do recém nascido, por exemplo. Este contexto tem tudo a ver com o trauma do nascimento e implicações, também, cujos desdobramentos levam a elementos do conjunto referente à terceira idade (Ver, abaixo, Otto Rank).

Ao nascer, a menina tem como confirmar ser possuidora de um caráter de identidade com a mãe. Mas, o menino, dependerá do exterior, com o qual terá que manter um tempo preliminar de convívio adaptação, para fazer o mesmo com relação a seu pai.

3.2. Saindo dos Interiores

A saída do interior do corpo da mãe, para seu exterior, é uma transição do existir para o não existir, do não existir desconforto, para desconforto maior, um inconcebível, caracterizado pelo desconforto perverso de perda daquele máximo amigável, e seu, conseqüente, desejo, imperativo, de voltar a sentir-se naquele envolto. As implicações daquela transição podem ser bem avaliadas, tendo-se em vista as estruturas e funções neuronais do SNC. De início, capacitado para ambiente do estágio anterior ao nascimento, após este, vê-se frente ao novo ambiente do exterior ao corpo da mãe.

Um, satisfatório, paralelo com a visão psicanalítica é natural, tomando-se o que propõe Otto Rank com “O Trauma do Nascimento”, e o implicado desejo imperativo de “Retorno ao útero materno” (Otto Rank, 1924, 1929)

O sentir-se imerso naquele máximo amigável, o útero, naturalmente, se processa por meio dos constitutivos básicos, já bem organizados do (SNC)I*, antes do nascimento. Logo, sendo este um primário, na ausência de outras experiências, tendo que sediar o sentir extremo, daquele trauma, daquela carência (Do útero), tem-se a ver, fundamentalmente, com especiais, bem implantados constitutivos de longa duração: Memórias de trauma e desejo de retorno, serão permanentes. Sob formas alteradas, ainda que, dormentes, na 3^A, estas serão levadas a reaparecer figurando em situações de importância maior. (Ver à frente...)

3.3. De início, prosseguindo fora do útero, obrigados corpo e mente a envolverem-se com um mundo exterior

Descobre, da mãe, proteção no exterior, o calor de que necessita, o amamentar que acalenta, um novo sentir de afeto, amor,

Porém, as EDF, entre os mencionados constitutivos básicos, já, bem organizados do (SNC)I*, serão insuficientes para se haver com um duplo novo: Iniciando experiência no exterior do corpo da mãe, também, no exterior de seu próprio corpo, exterior no qual se encontra o próprio corpo da mãe.

O recém-nascido se sentirá agredido: Pelo contato de sua pele, muito tenra, com tecidos da roupa que passa a vestir, o que é acrescido pela pressão que sente, em decorrência do peso de seu corpo, em contato com o leito sobre o qual passa a se apoiar, com o passar a experimentar diferenças de temperatura, fome etc. Um mínimo entre as nascentes incertezas do I*.

3.4. Prosseguindo rumo ao exterior: infância, juventude, idade adulta, maturidade produtiva...

O I* rumo à construção de sua história: impactos das descobertas do exterior, do qual virá a descobrir:

- O pai: Amigo, amizade, companheiro, autoridade, protetor, repressor, ameaça, força implacável, insuperável...

- Sítio da realidade: a qual é sítio da energia, do tudo, da verdade, do sentido, do objetivo, do determinismo, do indeterminismo, da complexidade...

- O exterior tem o que I* não tem, mas vem a desejar ter, contém o futuro, I* tomado, seduzido por encantamentos dele passa a depender.

- Percebe que o interior do útero, acolhedor inigualável, não conta com, mencionadas, instâncias do exterior.

- Masculino e Feminino... E um dia, no exterior...descobre o interior feminino, que por sua ternura, deseja, não aquele retorno ao útero, mas ser acolhido, em um sub espaço de experiência de plena satisfação.

3.5. Estágios para o I* se conduzir, pelo tempo, que terá, de vida, no convívio com o exterior

a) Percepção e Categorização Perceptual

Mas, das “Instâncias Próprias dos Sistemas Complexos” (IPSC) entre os quais seu corpo, com o passar do tempo, sob novas demandas, emergem novas EDF, naquele, induzidas, por novas percepções. Dadas as diversidades destas, dada a necessidade de o I* ter como a elas se referir, distinguindo-as entre referentes integrantes entre as funções do (SNC)I*, este efetua, fundamentais categorizações perceptuais, acompanhadas por generalizações, e na sequência, dado o que passa a viver, daquelas, emergem conteúdos de memória, importantes, para se haver com novas demandas, novos desafios (Edelman, 1987)

b) Conceitos (Pré Ling...Pré Consc...) e Categorizações Conceituais

Processos necessários para que I* possa se valer de mencionados conteúdos deverão ser estruturados. Recursos de auto organização, entre componentes das IPSC/(SNC)I*, levam à emergência de fenômenos neuronais, constituindo funções pré linguísticas, pré conscientes, dotadas da capacidade de, tomando os conteúdos de memória, identificar, no espaço da realidade, seus correspondentes objetos particulares, eventos... vindo a poder determinar seus, reais, envolvimento futuros e muito mais. Nestas condições o I* está indo em frente, em seu relacionamento com as instâncias do exterior.

Quer dizer, estes fenômenos neuronais podem dotar I* de antecedentes de apoio para tomadas de decisões... Desnecessário comentário sobre sua importância... Trata-se dos “conceitos” (Edelman, 1989), antecessores do que, tradicionalmente, já, se havia denominado por conceitos, em sub espaços linguísticos.

As categorizações, aqui, apresentadas, figurarão entre os processos de constituição do mental do Ser Humano. A recategorizações superpostas, de possíveis recorrências, rumo à 3^a Idade.

3.6. Linguagem e Consciência

Naquele ultrapassado estágio, no qual deixara de se haver exclusivamente com seu corpo, I* se deparara com seu primeiro e maior desafio, que irá acompanhá-lo pelo restante de sua vida:

A partir das novas experiências, percepções, desafios, vê-se, cada vez mais, cobrado/obrigado a distinguir entre “o que é, e o que não é próprio de seu corpo”. Ora, mais, ainda: Do exterior de seu corpo, passou a depender, devendo, a partir dele, selecionar, segundo seu alcance, o que dele evitar, por desfavorável, e com dele contar, como favorável. Em especial, no exterior, o sócio cultural, sub espaço para competição/ /cooperação, visando favorecer sobrevivência, a qual, procurando viabilizar, é implicada a constituição da linguagem...

Então, a obrigação de efetuar aquele distinguir, em especial a ver com “o outro”, implicando em outros constituintes de memória. Destas instâncias, de colossal imperativo de distinguir entre, aqui, mencionados, próprio e não próprio, originar-se-á a função mais importante para o “sentir” as experiências do viver, isto é: a consciência. (Ver “self”, “non self”) (Edelman, 1989). De tais experiências I* dependerá para se haver com possível ameaça de desespero (Erik Erikson, cit).

Acentue-se que a consciência, constando dos constitutivos das experiências do viver, se caracteriza, entre outros elementos, por quantitativos e qualitativos, abrangendo uma graduação, nela figurando máximos e mínimos de intensidade. Em especial, I*^{3A}, voltando-se para a ocupação de procurar atingir supremacia, da intensidade de experiência de consciência, sobre, não importa, qual seja abrangência de duração de tempo de vida, sem assumir provocar seu fim.

Com que se contar para tais máximos e mínimos, na 3^A? A evolução da história do I*, ultrapassada a juventude, passando pela maturidade antecedendo a 3^A; impacto das INAEHESC

A vida NO EXTERIOR do corpo; todas as entidades referentes a enriquecimentos funcionais da infância, passando pela juventude, maturidade, tomadas suas alterações/evoluções sucessivas, se compõem, persistem, rumo à 3^A.

Entre outros itens, à frente, referindo-se aos agregados ao acervo com o qual contará o I* 3^A, são muito importantes os destaques, abaixo:

- O (SNC)I* dotado de conceitual mais sofisticado, agora, com linguagem expandindo os recursos de comunicação, expressão por símbolos e a consciência vivenciando o existencial, o I*, prossegue ampliando o convívio consciente com o exterior.
- Este, contendo o sítio da realidade, a qual é o sítio da energia, do tudo, da verdade, do sentido, da complexidade, do novo, do futuro, do inconcebível, do inimaginável, da ciência, da tecnologia... dos conhecimentos.
- Deste exterior, o I*, tendo passado a depender, devendo perceber/respeitar valores, é tomado por encantamentos contemplativos, entre os quais a arte envolvente. Por outro lado, seduzido/aprisionado pelo insubstituível encontro masculino/feminino.
- Desafios, aventuras, prazer da excitação de correr riscos em busca de vitórias, recompensas.
- Deste exterior, passa a constituir e carregar suas memórias, a partir das quais amplia suas competências.
- Passa a ter seu próprio corpo, e neste seu (SNC)I*, enriquecido por novas EDF, com bases em interações com aquele, dentro do qual se encontra, no qual vê similares energéticos com seu corpo. Nestas condições, são aprimorados seus recursos de comando controle, próprios do inconsciente. Este enriquecimento implicará, naturalmente, em benefícios incriveis, entre os quais, processos operacionais, intuitivos informacionais, lógicos, linguísticos e matemáticos.
- Desta forma, devido a tais interações com o exterior, o I* se equipará de estruturas inexistentes em seus próprios de origem, com base nas quais se tornará um ente humano diferenciado, em relação a suas origens, em especial, por passar a contar com um novo interior, dados os incrementos, às alterações estruturais em seu (SNC)I* estas, comportando novas dinâmicas, novas funções.
- Mas, este colossal incremento não garantirá, a priori, sucesso, sem considerável esforço, nos embates com os quais se comprometeu, e mais poderá vir a ter. Frente a excesso de informações, o I* deve efetuar seleções fracionárias, reduzidas, por isto, de natureza problemática, para se efetuarem os procedimentos conscientes. Claro, tem-se em vista a C I* 3^A.
- Por outro lado, no espaço deste convívio, serão implicadas dificuldades, com verdadeiras novas dimensões: Um algo a mais, as implicações maiores, relativas ao outro, sendo o sócio cultural, um sistema exterior, repleto de interiores, de “outros”.
- Implicações decorrentes do convívio com seus semelhantes, se integram em seus conceitos de vida. Habitado com aquele convívio, com “o outro”, deles passará a depender, com eles, passando a compartilhar valores, e as possibilidades de novos conflitos...

- Mais, ainda, por experiências de amor correspondido a amor perdido.
- Ora, inclusive por se tratar de interiores, as interações podem ser de extrema intensidade, de máximo construtivas a máximo destrutivas, se não foi acordada uma relação competição cooperação, exaurindo o espaço entre os extremos opostos. Com efeito, cada I* tem seus próprios, vive com seus qualia, mas compartilha, com o outro, das mesmas bases físicas constitutivas, das estruturas em seus corpos, subjacentes a seus próprios, antecedentes de seus pensamentos. Circunstância com implicações de extrema importância.
- Então, experimentando desconfortos provenientes de riscos de ser cobrado, pressionado por outros, agressivos detentores de mais conhecimentos em ciência, tecnologia, conhecimentos
- Em que medida o i* será bem sucedido, no embate que terá pela frente, como, fará uso dos recursos, com os quais passa a contar, depende de como poderá se portar.

Observação: Este enriquecimento funcional que impressiona, ajuda a compreender como filósofos chegaram a proposições que se mantêm ao longo de milênios, e cientistas descobriram aspectos da realidade, que, também por milênios, se mantiveram incompreensíveis, por seus participantes, da humanidade.

Ao mesmo tempo, tanto na 3^A, há aqueles que se mantiveram competentes para dominar impérios, subjugando milhões de seus semelhantes, que, simplesmente, não chegaram a, como o imperador, se valerem dos recursos, aqui, acima, sumarissimamente, esboçados.

Este acervo, no que concerne aos desígnios do I*, é sempre colossal. Em consequência de que pode ser trabalhoso, de seus extratos, fazer uso consciente, como se tem insistido, neste texto.

3.7. A Maturidade, Rumo à Terceira Idade

Consideramos os recursos, soluções e problemas com os quais conta o I* por meio do espaço dos eventos reais de vida do I* rumo à 3^A, mapeado no *espaço memória*. Contando com as mencionadas competências, resta estabelecer:

- Como, para seu emprego, o funcional do (SNC)I* será colocado em ação?
- Com quais dificuldades este (SNC)I* terá a ver?

Memórias persistentes de longa duração, de Porte Maior (MPM), importantes têm a ver com as entidades referentes ao contexto esboçado nos itens anteriores: Constituintes da mente que abrangerão todos os sub espaços suportes do viver.

Desta forma, mencionadas entidades significativas, do espaço real de vida, por vias perceptuais, também, com participação do imaginário, são mapeadas em constitutivos do inconsciente, o que acaba por levar memórias de longa duração a constituírem aglomerados, diga-se, sob forma de arborizações de conteúdos de muito elevadas abrangência e complexidade.

Em atendimento a tais demandas, a partir de um próprio do sistema complexo que é o (SNC)I*, funções de auto organização equipam, no interior, o inconsciente, portador de comando controle. Tendo, este, assim, disponível, mencionado acervo, (2.3), convertido em recursos informacionais, operacionais, habilidades lógico matemáticas, intuitivas. Assim, tomadas de decisões, serão viabilizadas, em busca de garantias de sucesso futuro. Em vista a 3^A.

Mas, daí, não se opera, de antemão, uma garantia. Para esta, tendo, o I* que trabalhar, com seu consciente.

Com efeito, no que concerne ao incrível acervo de constitutivos de memórias, este mencionado reservatório constituído pelos aglomerados de arborizações de registros constitutivos globais, não conta com um infalível programador. Tantos são os incontáveis, estocásticos, neuronais, na memória, que fontes de equívocos ocorrem.

Neste cenário, devido à abrangência do acervo de memórias, viabilizar seu pensamento, sem um, mencionado, infalível programador, pode se tornar trabalhoso. O I*, segundo mencionado acima, contando com o que pode receber do inconsciente, tem que se haver com sua própria consciência e demais funções do (SNC)I*.

Com efeito, pensar algo, no aqui e agora do consciente, envolve um percentual, que pode ser, insignificante, entre disponíveis para escolhas. Entre estes, a fim de acertar no exercício das seleções de conteúdos para se expressar, concluir, decidir, I* deverá se valer do exterior, onde objetos, conceitos, após categorizações, podem ser bem diferenciados, ou, por possíveis acordos com “outro/s”, tomados valores do sub espaço sócio cultural.

Ora, a consciência ocorre por sequências de pulsos de poucas centenas de milissegundos, mantida sua continuidade, por seus processos neuronais (Edelman e Tononi, 2000). Antes de uma elaboração conclusiva, as sequências no geral, se apresentam por aproximações sucessivas, inclusive, exigindo intervenção de vontade, atenção do I*. Correções,

esclarecimentos, justificações, arrependimentos fazem parte do dia a dia do relacionamento humano.

Integrando os aglomerados, palavras, ideias, histórias ouvidas e registradas no convívio sócio cultural, são, no mais das vezes, num primeiro momento, só ouvidas, porém, em condições de serem valorizadas, depois de configurados seus relacionamentos...

Assim, os registros persistentes, de longa duração, tomados estes relacionamentos, seus conteúdos não têm como permanecer únicos, em grupos operacionais idênticos a seus estabelecidos iniciais.

Nestas condições, interações, que ocorreram, relacionadas àqueles levam a alterações nos conteúdos de memória, já estabelecidos, naturalmente: Por isto, Edelman propõe que memórias se processam por recategorizações (G. Edelman, 1898).

Reiterando, com as considerações acima, naturalmente, tem-se, atenção voltada para os sub espaços relacionados aos implicantes da Consciência da Terceira Idade.

Com efeito, reiterando: Conforme tem sido apresentado nos itens anteriores, o I* 3^A, contará com muitos recursos a seu favor, mas também com problemas, em face da desproporção entre a extensão do sub espaço do que busca, e aquela do espaço do mencionado acervo disponível.

4. Terceira Idade: Em Busca de Autonomia Produtiva para uma Vida Satisfatória

O corpo do I*, nesta idade, é debilitado, em decorrência da absoluta implicada, redução de energia, então em curso. Da mesma forma, é, também, debilitada a eficiência operacional da mente. O I* se sente destinado a um fim irreversível, mas não se trata de um fim das instâncias existenciais do I*.

Com efeito, o mencionado, amplo acervo que passou a possuir ao longo da vida, selecionados entre seus constitutivos, acessados ao consciente, podem conferir, ao I*, competência, com a qual não contava, sendo esta agora, adequada à sua idade. Assim, as circunstâncias, que, nestes dois parágrafos, se apresentam em oposição, podem ser conciliadas.

Além do alcance do mencionado acervo, com o qual passa a contar o I*, seu (SNC)I*, o cérebro é dotado de recursos poderosos, protetores, a serem ativados em situações difíceis, de risco, o que, de certo modo, é público e notório. O simples imaginar-se um dia, excessivamente, frágil, ou levado à morte, para o I*, tem força de riscos reais elevados. Naturalmente, então, o cérebro pode intervir, por meio daqueles mencionados recursos poderosos. Por ação do

inconsciente, com elaborações no sub espaço do novo, buscando neutralizar, mencionados riscos, o I* pode contar, também, com seu imaginário consciente.

Nestas condições, por ações persistentes, o I procura, é levado a procurar, por novas formas satisfatórias de viver.* Devendo, não apenas ler de outros, mas fazer uma filosofia, em seu próprio benefício. Um incrementado processo de enação, próprio da 3^A? Quer dizer, não se trata de um exercício acadêmico, mas de equipar sua própria consciência, de instâncias viabilizando recursos para uma Vida Saudável na 3^A.

Neste sentido, não somente um primeiro estágio da 3^A, mas, também, posteriores, conforme se constata, em registros históricos e contemporâneos, podem ser produtivos, satisfatórios, elaborado um sub espaço baseado nos percursos em consideração.

4.1. Um “Algo Mais” da Terceira Idade: Novas “Dimensões”

Por exemplo, para uma entidade de duas dimensões, não existem as soluções, naturalmente, possíveis, para outra entidade, possuidora de três dimensões. O que, dentro dos limites de seus sub espaços, existe para um I*, mas não existe para outro, equivale a um contar com uma dimensão a mais do que o outro. Assim, o que é acessível indivíduos, na 3^A, mas não era, para indivíduos, na maturidade produtiva, nestas condições, pode se constituir em dimensões a mais, na 3^A.

Até à maturidade, antecedente da 3^A, no exercício de garantia da sobrevivência, o I* não era cercado de dúvidas incômodas muito frequentes, quanto à energia/força de vida com a qual contava. Pois, por um lado, não via porque pensar em tal tema, por outro, aquela força/energia, com a qual contava, facilmente, superava as exigências de suas demandas.

Assim, a suficiência dos prazeres da juventude, a tranquilidade induzida pelos empreendimentos bem sucedidos, na maturidade produtiva, permitiam, ao I*, limitar-se a insignificantes, ignoráveis, lampejos de realidade desfavorável. Mas, no espaço tempo da Terceira Idade, o I*, de início, tem suas suficiências reduzidas. Além de experimentar a carência de energia, ramificações envoltórias das, mencionadas, arborizações, deixam mais expostos, por suas implicações, os troncos, conteúdos das memórias, persistentes suportes constituintes do I*, no espaço da realidade. A própria natureza da vida, deixando exposta a visão dos desconfortos, possíveis do anúncio da finitude. Enquanto, ao mesmo tempo, apresentam-se, agravantes, empecilhos expostos ao consciente. Quer dizer, compromissos por serem cumpridos, perversos sentimentos de culpa, carentes de soluções, conflitos com princípios inegociáveis.

Persistindo em busca de um sítio de paz, em redutos profundos de suas memórias, nos quais, se sintam livres de carências, o I* descobre rotas promissoras. Porém, nestas, depara-se com riscos de se lembrar do que se sente depender de ver esquecido, temendo surpresas desagradáveis. Ele deve compreender que precisa se arranjar para aceitar o sofrimento, não importar quão elevado, diga-se, como correspondente a investimento com retornos compensatórios, muito favoráveis...

4.2. Cenários destas circunstâncias citados por Erik Erikson (Erikson, 1950).

O item 7, deste texto, corresponde ao que foi denominado acima por Maturidade Produtiva, e o item 8 aos extremos da 3^A. O estágio 8 (Erikson, 1950) trata de como o I* pode ter seu mental invadido por sentimentos de desespero, em idade avançada. Porém admitindo soluções.

Assim, adequado questionar:

- a) Quais são os diversos níveis de desespero, tomados dos ligeiros aos mais graves?
- b) Como se evitar o pior? Com que pode contar o I*?

Situações mais conflitantes, podem ser muito problemáticas para serem, diretamente, acessíveis a experiências de consciência.

Então, como se apelar para antecessores do inconsciente?

Bem, este não é um reservatório estático, mas um sistema, dinâmico complexo, autônomo, tratando as informações por ele recebidas, entre as quais aquelas referentes a demandas, angústias do I*.

Contando com recursos esboçados em itens anteriores (3.0) 01) destes, aquele, pode agregar conteúdos, dos quais tem como obter resultantes. Por implicações, destas oriundas, elaborar argumentos, justificativas, soluções surpreendentes, com alcance de novas dimensões, segundo mencionado acima. Daí, como emergentes incentivos, inclusive, elaborando narrativas, em qualquer estágio da vida, produzindo histórias, acompanhadas de emoções, agradáveis, mas segundo foi mencionado, também, implicando em sofrimentos.

Neste contexto, sem dúvida, é muito realista, questionar-se sobre relações entre ausência de afeto e sentimento de ansiedade, com sintomas de desespero. (Ver 4.3, abaixo)

Ora, este sentimento se instala entre as estruturas do (SNC)I* desde o nascimento. No consciente, ou inconsciente figurando, de modo significativo, na vida do I*.

4.3. O Afeto que Ameniza,,,Neurônios Espelho

A expressão de nojo de uma pessoa que cheira odor desagradável, provocando, em outra, reação similar, é de constatação pública de notória. Mas, também de verificações científicas em laboratórios.

Então, o que deve ocorrer, quando uma pessoa demonstra expressão de satisfação em decorrência de atenção recebida de outra, nesta outra?

Também público e notório, nesta, mencionada outra pessoa, a satisfação é muito pronunciada: Tendo, como se pode entender, tudo a ver com as fundamentações do afeto. Adquirido na infância este é um sentimento importante para o ser humano, como parte do relacionamento com “o outro”, conforme abordado no parágrafo correspondente, em (II. 3).

Ora, este sentimento se instala entre as estruturas do (SNC)I* desde o nascimento. No consciente, ou inconsciente figurando, de modo significativo, na vida do I*.

Algo, sem dúvida, de especial importância na 3^A, quando I* pode estar em situação de carências incômodas, com possibilidades de desconfortáveis sentimentos de débito. Neste particular, o que, então, será muito mais problemático se o I* se sente culpado, por ser devedor com relação a este aspecto. Por um lado, como antigo pesado devedor, por outro, por se tratar de sentimento que, pode disfarçar, mas dele não pode se livrar, pois faz parte de sua vida.

4.4. Um Favorável da Complexidade, Enação 3^A?

Experiências, de consciência, recuperáveis de remotos registros de memória, sendo implicadas necessárias correções, recuperações, estas podem vir a ser mais naturais, mais solúveis, na 3^A.

Com efeito, conteúdos de memória, recolocados lado a lado, sob novas considerações conceituais, novas lógicas, inclusive, com possíveis novas dimensões, são alterados rumos que pareciam, definitivamente, estabelecidos.

Ora, na juventude e na maturidade produtiva, a força da idade e a circunscrição de suas informações, sob efeito de considerável diversidade de instâncias, atraentes, disponíveis no exterior, podem blindar persistentes insolúveis, no inconsciente. Com efeito, nestas circunstâncias, adendos inadequados podem se compor, desfavoravelmente, implicando em dificuldades acima das disposições, com as quais I*, então, conta para resolver seus problemas. Com efeito, na maturidade produtiva (A ver com estágio 7, do mencionado texto de Erik Erikson (E. Erikson, 1950), o I* não pensa, tipicamente como pensará na 3^A.

Então, pode ocorrer que seja necessária a experiência da terceira idade, dependendo de como I* se comporta, venha a viabilizar conjugações entre o acumulado aprendido e competência adquirida com tempo de vivência, capacidade de suportar sofrimento, renúncias... Para isto, há razões profundas bem estabelecidas.

Com efeito, este cenário refere-se a instâncias próprias dos sistemas complexos (IPSC). Com efeito, destas o organismo humano, com seu SNC, é um representante, digamos, canônico. Aqueles são muito diferentes dos sistemas simples da física clássica. Nesta, pode-se programar um procedimento fenomenológico, do qual se pode prever, o que ocorrerá, após transcorrido tempo curto.

Porém, os fenômenos próprios dos sistemas complexos, muito de acordo com 3^A, dependem de tempo longo, de memória, história (Soodak. Iberall, 1978), sendo aquela um componente físico, o qual, abrigando variáveis e parâmetros, em vez de simples, é complexo, fazendo parte das dinâmicas, por seu espaço tempo de percurso. Ocorrendo, inclusive, que, dada a complexidade própria dos processos constitutivos, só seus efeitos venham a ser perceptíveis, transcorrido mencionado percurso histórico.

Sem dúvida, mencionadas instâncias dos sistemas complexos são favoráveis ao I*, em seus embates rumo a uma 3^A plenamente satisfatória, uma vez, alcançado um alívio possível, ante a ameaça de desespero.

Claro, não se trata de nada gratuito. Além da mencionada necessidade de suportar sofrimento, o I* deve desenvolver novos conceitos, concretizáveis, de vida.

Com relação a estes, é fundamental perceber, inclusive tendo a ver com mencionado apelo filosófico, muito pessoal, como foi e será lembrado: Intensidade de experiência de consciência é mais importante do que duração de tempo de vida, a ser vivida, inclusive, já, vivida.

4.5. Observação e Enação

Em 1988, assistindo a seminários, na UFMG, na UNB e em conversação direta com Francisco Varela, tomei conhecimento de sua proposta (a Autpoiesis), em particular, acompanhada com a expressão “Traer un mundo a la mano”, posicionando-se, ele, contra a proposta “representação”.

Sem ir fundo ao assunto, em meu entendimento, procurei explicações em noções de neurociência, então, muito modestas, de meu domínio.

(Em (4. 2), ver: Então, como se apelar para o inconsciente?)

As circunstâncias referentes ao inconsciente complexidade, mantidas as diferenças, podem se relacionar ao que Varela denominou por “enação”. Com efeito, após ações, pelo exercício do procurar, indagar, agir tentando, sem emprego correspondente do consciente, o I* pode receber, do inconsciente, o que procura. Mas, o inconsciente tem que se equipar, dotando estruturas do (SNC)I* de registros oriundos da percepção. O que corresponde à afirmação: “Categorization allows the individual to correlate properties in the world and to go beyond the immediate of given stimulus”, (Edelman, 1987).

Concordando com Varela, não existe “representação” para o que não foi observado. Porém, reduzir o processo a um “Traer un mundo a la mano”, sem mencionar de onde nem como, não se enquadra no que aqui se considera. Um indivíduo não nasce informado sobre o que existe,

O existencial possível, com o qual conta o I*, é relacionado a registros de sua memória. Daí, os fenomênicos neuronais equipam o inconsciente, para levar ao consciente o que o I* procura. Quer dizer: Em vez de ”Traer...a la mano”, por que não: “Trazer... ao consciente com procedência do inconsciente”? É o que existe, possível, para humanos.

Tantos anos passados, a afirmação de Varela, ainda, desperta discussões importantes.

5. O Estágio de Recolhimento ao Próprio Interior

Por que, como para que se recolher ao interior? Dependências do exterior envolvem vida e morte. Ora, contando com o que conta, por ações persistentes, o I* deve procurar novas formas sustentáveis de viver, inclusive, elaborando uma filosofia própria.

Às voltas com um corpo, desconfortavelmente, mais frágil, assim, sem condições de manter o mesmo convívio com o exterior, se beneficiando do favorável e escapando do desfavorável, também não pode contar com o futuro próprio de seu sítio. Assim, deste, I* passará a perder consciência de seu espaço tempo. O que pode despertar, no I*, a impressão de uma espécie de desligamento de seu tudo, levando-o à impressão se perder no nada.

Mas, como, insistentemente, visto, acima, o I* conta com acervo de amplos recursos, em condições de lhe conferir abrigo satisfatório, em seu interior. Desta forma, podendo atuar para evitar um trauma que se anuncia.

Se necessário, concebendo novas lógicas, “não clássicas”. Por exemplo, por meio de um ligeiro exercício de abstração, imiscuindo-se em uma extrapolação de consciência.

Neste contexto, natural, ter em conta que os limites biológicos do corpo, são tais que, o sistema estritamente muscular, dos pés à cabeça, está muito aquém do alcance, em importância,

do (SNC)I*. Com efeito, no sítio deste, os fenomênicos neuronais, dos quais emergem todas as funções, daquele, resulta que uma implicada intensidade, persistente, interior de experiência de consciência será mais satisfatória do que tempo de vida, ainda que longo.

Nestas condições, mesmo que se encontre temeroso de se haver com finitude, o I*, pode vir a se ver detentor de acesso a um percurso seguro para suas questões maiores, quanto ao que possa vir a se passar, quanto ao que possa esperar como limite. Assim, o I* pode, ainda, como orientador competente, oferecer e receber, estruturar arranjos conceituais, filosofias, úteis para outros. Mais, ainda: Sentir o intercambiar afeto, dentro do sentido do que se encontra em busca.

5.1. Rumo à Paz Interior

Tendo como se recolher a seu interior, percebendo que um dia só contará com energia para pensar, estar consciente, o I* se sente obrigado a, se ainda não, ter efetuado a tarefa, aprender a morrer.

Não exatamente por conselhos de filósofos gregos, por exemplo, Platão: “Filosofar é aprender a morrer”. Porém, mais prático, segundo um pensador francês: “O mais importante na vida é aprender a morrer”. Sugestão: Sofrer antes, para não inviabilizar trânsito tranquilo, rumo à paz almejada.

Circunstâncias, com relação às quais, adequado, levar-se em consideração a referência ”Home Neurociência - Como é o funcionamento do cérebro em situações críticas – (06 agosto, 2020): Este conta com... treino, os protocolos de ação... estratégias de defesa pessoal podem ... ajudar a melhorar resposta inata de sobrevivência”. Além do que, àquele, em tais situações críticas, são atribuídos superpoderes. Estes, com certeza relacionados a seu enorme número de circuitos neurais, entre estes, em especial, os circuitos de sobrevivência (Ver 1.2 A-6, Henry Markram).

Aqui, naturalmente, temos em vista a questão: Se a situação de risco se refere à morte, de que o cérebro é capaz, dotado de tantos poderes, contando com os recursos do acervo ao qual se referem os destaques do (2.3)? Questão, com relação à qual são atribuídas observações, abaixo

Neste sentido, a partir do que foi apresentado, acima, o I, percebendo o potencial de recompensa dos sofrimentos, pode vir a contar com recursos para a experiência de pensar de frente, se é o caso, um enfrentamento, então, vitorioso, com a experiência da morte. Desta forma, contar com uma oportunidade maior, para atingir o inatingível, resolver o insolúvel,*

vencer o invencível, que o perturbaram em tempo de vida anterior. Contando com esta convicção, I* passa a dispor de condições para ir em frente: Se impor, por seu direito existencial.

Viver em seu interior é um direito existencial do indivíduo. Na rota de ter que destinar, quase, toda a energia do corpo, ao SNC, deste, para preservar sua sobrevivência, I*, sentindo-se obrigado a buscar elevada produtividade, percebe, ser justo, então, abstrair-se, em suas memórias, do convívio com assustadores registros históricos, e de varrer de sua mente, o incômodo das notícias do contemporâneo.

Ora, inclusive, deste modo, I*, podendo pensar em níveis de complexidade e intensidade, mais elevados, mais profundos/abrangentes, pode, ainda, como orientador, podendo oferecer e receber, sentir afeto, muito no sentido do que se encontra em busca. Em seguida, não tendo mais como sequer, receber, no âmbito do mencionado direito existencial, o procedimento óbvio, significativo, será instalar-se nos antecedentes da primeira pessoa. Nestes, por um lado, mesmo tendo-se tornado um ser humano diferenciado (2.3), por outro, persiste portador de química e história únicas, por isto sentindo-se como aquele indivíduo (1.1), só isolado.

Porém, um I* isolado, mas contando com a competência correspondente aos conteúdos mencionados nos destaques do item (2.3), depois de, no escopo de seus desígnios, ver o exterior ser tomado por um mais do mesmo, desprovido de sentidos, dele, vê perdido seu encantamento (II. 3). Então, nos antecedentes da primeira pessoa, vendo-se livre de persistentes incômodos do exterior, aquele I*, enfim anestesiado da eletro mecânica do próprio corpo, seu cérebro contando com superpoderes para situações críticas, seus fenomênicos neuronais podem leva-lo a viver o favorável maior:

A fusão/superposição do consciente com o inconsciente, do que pode ocasionar a eliminação de todas as carências, e digamos, levar a um neuro tsunami que alcança o tudo do I*, viabilizando, uma homeostasia extrema, a caminho de sua transição para o equilíbrio termodinâmico (Que tem sido denominado por morte), evitado o desconforto da experiência de finitude, atingindo, assim, a COMPLETUDE, que corresponde ao que religiões mencionam como a Paz Eterna, sem carência de felicidade.

Referências

ALPER, M. "The God Part in the Brain: A Scientific Interpretation of Human Spirituality and God". Sourcebooks, Innc. 2006, 290p.

ERIKSON, Erik Homburger. As Oito Idades do Homem. In: ERIKSON, E. H. Infância e

Sociedade. Rio de Janeiro, Zahar, p.227-253, 1971.

EDELMAN, G. M., Tononi, G. A Universe of Consciousness: How Matter Becomes Imagination. New York: Basic Books. 2000.

EDELMAN, G.M. The Remembered Present: A Biological Theory of Consciousness. New York: Basic Books. 1989.

PEREIRA, C. D. O Espaço Tempo Subjetivo do Indivíduo (ETS) I. Revista Scripta. v. 1, n. 26, p. 27-42, 2010.

CONSCIOUSNESS IN THE THIRD AGE

Abstract

I report and analyse, in first and third person perspectives, the conscious process in the so-called “Third Age”, which begins at 60 years of age. The scientific foundation adopted is Gerald Edelman’s “Neuronal Groups Selection Theory”, which is combined with the testimony of personal experiences. One can propose, if it has not already been done, the concept of mental space for the elderly, characterized by a long period of prior learning and accumulation of experiences, combined with a reduction in life expectancy, implying an increase in the density of alternatives, possible actions to be taken in a reduced period compared to previous life stages, which, in turn, results in an existential compression in the decision-making process.

Key words: consciousness; third age; mental space; learning; neuronal selection